

## O Fantasma do telefone

-- Triiim – Êpa!

-- Triiim – triiim. – Pulo da cadeira...

-- Triiim, triiim, triiim, triiim – Tomo o telefone sem fio descansado, colocando-o ao pé do ouvido. Aguardo. Uma voz do outro lado avisa: “No momento, não posso atender. Após o sinal, deixe o seu nome, telefone e recado.” Espero. Ninguém responde à voz gravada. Aguardo mais um pouco. Nada. Sinal de ocupado. Descanso o telefone ao meu lado. Corro pra cozinha onde está o outro telefone – um velho Ericsson do Brasil, de disco.

-- Triiim, triiim, triiim, triiim, triiim, triiim, triiim. Êpa! De novo!? Desta vez deixei dar os sete apitos da campainha do aparelho da cozinha. Rapidamente, retorno ao sem fio ao ouvido. A mensagem se repete... Dou um grito! Chamo um palavrão daqueles! Ofendo a mãe do provável ouvinte da outra ponta do fio... Nada. Ninguém responde. O sem fio descansa de novo. Vou dormir.

-- Triiim, triiim, triiim. Com um movimento rápido como se fosse um mocinho do faroeste americano, saco o revólver, ou melhor, o telefone sem fio que dormia ao meu lado.

--“Pliiim! Seis horas, trinta minutos e quarenta e cinco segundos”. Confiro no relógio de pulso. Aguardo. Ninguém fala. Dá o sinal de ocupado. Retorno o sem fio e me levanto. Acabo de ser despertado pela hora certa que não disquei, nem programei.

No meio da manhã resolvo consultar a operadora telefônica.

-- Você acredita em fantasma? – Pergunto à telefonista chamada Glória. Ela não responde. Continuo: -- Pois bem, ontem à noite aconteceu!

-- Aconteceu o quê, senhor?

-- Apareceu um fantasma em minha linha! – Respondi com a cara parecendo um verdadeiro idiota.

Contei o caso e arrematando disse: -- A coisa se repetiu e em nenhuma delas eu estava usando o meu telefone! Nem tentando disar telepaticamente, brinquei.

-- Seu nome, número e endereço – falou ela, teclando as minhas informações.

-- Não se preocupe. Dentro de vinte e quatro horas o seu problema será investigado. Desliguei.

Nesta noite o fenômeno se repetiu. Tentei decodificar os triiins: Algarismo 1 – trim. Algarismo 2 – triiim, triiim. Algarismo 3 – triiim, triiim, triiim. E assim por diante. O zero era o mais longo deles... A campainha do velho Ericsson repetia os movimentos da mão do fantasma.

-- Aconteceu de novo ontem à noite – falei pra telefonista, agora chamada Tânia.

-- Meu senhor faça o seguinte: Ligue pra este número 3233-\*\*\*\* (as estrelinhas são minhas, pelo motivo óbvio que a ficção não explica).

-- Brigado. – Desliguei.

-- Alô. É do 3233-\*\*\*\*?

-- É.

-- O que se trata?

-- Tu acreditas em fantasma?

-- Rarárá!

-- É o seguinte: Blá, blá, blá, blá, blá...

-- Aguarde.

-- ...

-- Não deu nada...

-- ?

-- Meu senhor. Ligue pra nós quando estiver acontecendo o fato.

-- Este telefone atende à noite?

-- Não senhor. Só no horário comercial.

-- Mas como...

Vamos mandar um funcionário rastrear desde a caixa do seu prédio até a central.

-- Humm.

-- Té logo.

-- Té – Desliguei.

Às vinte e uma horas e cinquenta e três minutos dessa noite o fantasma voltou a atacar.

-- Rastreamos toda a linha. Trocamos um transistor. Nada. Não detectamos absolutamente nada.

-- E aí? Ontem o número que o fantasma discou era de aparelho celular. Quem vai pagar? Serei eu?

-- Não se preocupe. Isto não acontecerá.

-- E qual é a solução?

-- É por causa do telefone sem fio! É ele o fantasma!

-- Mas como? A tecla "talk" têm que ser acionada. E em todas as vezes que o fenômeno "paratele" acontece, eu não estava usando o aparelho!

-- É...

-- ??? – Desliguei.

O fantasma continua a frequentar o meu aparelho. E pior, apareceu em minha conta telefônica mensal...

Criado em 26 de janeiro de 1997.